

# NOTA SOBRE A CRIANÇA, de Jacques Lacan

## Uma leitura<sup>♦</sup>

Por Marcus André Vieira

### Sobre o texto

Proponho, aqui, uma leitura dirigida, passo a passo, de “Nota sobre a criança”, texto fundamental de Jacques Lacan.<sup>1</sup> Ele não falou muito sobre crianças em seu ensino, mas no final dos anos sessenta escreveu à mão algumas considerações em duas folhas e as entregou a Jenny Aubry.<sup>2</sup> Essa nota é o que vamos ler hoje. Juntamente com o texto “Alocução sobre as psicoses da criança”, que lhe é imediatamente anterior nos “*Outros Escritos*”, ela transmite de forma breve um balanço de Lacan sobre o tema. É claro que a experiência evoluiu desde então, e muito se pode depreender de outras indicações esparsas em seus seminários, mas o corpus doutrinal sobre esse assunto se resume a estes dois textos, é sobre eles que se constitui a base teórico-conceitual do que Lacan falou sobre a criança. Aparentemente é pouco, mas o pensamento de Lacan e sua experiência clínica são de uma riqueza excepcional, a acuidade e precisão de suas intervenções, decisivas; pode - se extrair muito destas linhas. Praticamente tudo sobre psicanálise e criança, do ponto de vista lacaniano, parte desses dois textos.

Lacan não facilita a vida de seus leitores, e o faz de propósito, para que não se tenha a impressão de entender tudo - entendemos o que é possível entender a cada momento do nosso percurso -, vamos ver o que será possível entender nesse momento. Essa posição de transferência com o autor é fundamental para uma leitura clínica (positiva ou negativa), muito diferente de Winnicott, que nos leva pela mão. Isso oculta que é só apostando que dali sairá alguma coisa que alguma coisa poderá sair. Com Lacan isso é proposital, a única saída é a entrada. Então, entremos.

### Contextualização

Ao que parece, ao ver o fracasso das utopias comunitárias, a posição de Lacan nos lembra a dimensão do que se segue. (LACAN, 1969, p.369)

Aqui, Lacan fala de si na terceira pessoa, é um momento pretensioso. Pelé e Romário fazem isso com frequência, passam uma idéia de alguém que quer aparecer. Mas Lacan faz isso muito pouco, apesar das muitas oportunidades que teve. Ele calcula as coisas muito bem, e aqui, me parece que lança mão desse recurso para marcar que ele está fazendo um apanhado da teoria lacaniana, como se ele estivesse se colocando de fora dela. Por isso o texto é bom, não é ele pensando uma questão e a elaborando, é como se ele dissesse: “Olha só, o que eu disse é isso. Vê se você entende”.

---

<sup>♦</sup> Trata-se da versão-texto de duas aulas ministradas no curso organizado por Silas Nascimento no Hospital São Zacarias em maio de 2005. Agradeço à turma pela transcrição e a Ana Raquel Carvalhaes pela edição.

<sup>1</sup> “Nota sobre a criança”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003.

<sup>2</sup> Jenny Aubry, médica pediatra e posteriormente psicanalista, foi chefe de uma unidade pediátrica do Pitié-Salpêtrière e trabalhou com Lacan na Escola Freudiana de Paris. Foi como uma ponta de lança do lacanismo na pediatria, sobretudo em relação a presença do analista no Hospital Geral, sendo diretamente responsável pelo único texto de Lacan sobre psicanálise e medicina. Foi responsável pela organização do colóquio “Psicanálise e Medicina”, que contou com a presença de Lacan como convidado. Essa conferência está publicada como: “O lugar da Psicanálise na Medicina”, recomendo como leitura, e também um trabalho meu sobre essa conferência, publicado na “Opção Lacaniana” - para dar um pouco o histórico.

Quero marcar o endereçamento feito para a pediatra Jenny Aubry - porque foi para ela que ele escreveu, e também quero situar o que ele chama de “utopias comunitárias”; isso foi escrito nos anos setenta, é a idéia de que a autoridade médica não serve para nada - a antipsiquiatria, um tempo em que a idéia de autoridade estava sendo contestada, como se fosse possível tratar tudo numa espécie de democracia generalizada, tudo reunido, tudo decidido. O que estava no ar era a idéia do fim da autoridade como uma boa coisa, e ele está dizendo que isso é um fracasso.

É preciso comparar e perceber que ele está em 1969, falando do fim da utopia comunitária - a gente viveu isso bem até o final dos anos setenta. Talvez em Paris as coisas tenham acontecido um pouco antes, ou ele já percebia que apesar dessa grande liberação, no final, acabamos mais ou menos com as coisas que já estavam lá antes. A liberação foi mais um sonho do que uma realidade, uma “útopia comunitária”, como ele está chamando. O texto é atual porque nós estamos no tempo do fracasso das utopias comunitárias, numa espécie de pós-fracasso. Ele estava num tempo imediatamente após o fracasso - nós estamos um pouco depois. O pós-fracasso, esse sim é o fim da autoridade. A contestação da autoridade não.

### **Família conjugal e a irredutibilidade de uma transmissão**

[...] a posição de Lacan nos lembra a dimensão do que se segue. A função de resíduo exercida (e, ao mesmo tempo, mantida) pela família conjugal na evolução das sociedades destaca a irredutibilidade de uma transmissão – que é de outra ordem que não a da vida segundo as satisfações das necessidades, mas de uma constituição subjetiva, implicando a relação com um desejo que não seja anônimo.

“A função de resíduo de uma família conjugal”, o que ele quer dizer com isso? Entendo que depois dessa grande festa, a família continua lá, ela é um resíduo ineliminável, segundo ele irredutível, e explica o motivo; há algo nela que é fundamental: a “irredutibilidade de uma transmissão”. Vamos ver qual é. Poderíamos discutir isso: A família é irredutível? Sempre haverá família? Talvez hoje essa pergunta seja freqüente. Nós estamos num tempo pós-pós. Lacan se coloca dizendo que há algo na família que é fundamental. Hoje, mais que nunca, nos perguntamos o que seria este irredutível tão vital da família, para que possamos mantê-lo nas novas formas familiares que pululam hoje. Ele chama de família conjugal. Lacan não está dizendo com isso que a família conjugal vai durar pra sempre, mas que esse algo é fundamental. Se houver outra coisa fazendo essa função, talvez a família não seja mais necessária, essa é um pouco a idéia dele. E o que seria essa transmissão?

Depois do travessão, ele diz que essa coisa que é transmitida é de outra ordem que não a da vida, mas sim de uma “constituição subjetiva”. A família transmite uma coisa que não é igual à ordem da vida - “vida” aqui, segundo as satisfações das necessidades. Assim, ele opõe a satisfação das necessidades a uma constituição subjetiva. Mais uma vez: a função de resíduo exercida pela família conjugal é da transmissão de alguma coisa irredutível; essa alguma coisa irredutível é de outra ordem, que não a da vida segundo as satisfações das necessidades. Retomando dá nisso, uma frase simples.

### **Necessidades X Constituição subjetiva**

O que seria constituição subjetiva de um lado e satisfação das necessidades do outro? Satisfação das necessidades é isso, satisfazer, simplesmente satisfazer o que seria a necessidade animal. Não vamos entrar nessa questão, Lacan a trabalhou longamente, anos a fio, antes disso para mostrar que nunca saberemos bem quais são as necessidades animais. Ele distinguiu Necessidade, Demanda e Desejo com esse fim. Na verdade, vivemos muito mais no

mundo humano porque as nossas necessidades não são muito claras. Mas aqui no texto podemos opor necessidades de um lado e constituição subjetiva do outro.

Tem algo no homem que não é só necessidade. Para que haja constituição subjetiva, não se pode ser só necessidade e a satisfação destas. Tem algo no ser humano que não se reduz, é irreduzível à satisfação das necessidades. Arnaldo Antunes já dizia: “Comida é água, bebida é pasto”, e completava: “Você tem fome de quê?”.

Nós sempre temos fome de alguma outra coisa. Pode dar comida, pasto, pode dar água à vontade, não é isso que vai satisfazer o humano em nós. Ele diz que para que haja essa constituição subjetiva, que se opõe à simples satisfação das necessidades, é preciso que essa função - essa coisa que a família faz -, seja feita. Isso que a família vem fazer, que ela o faça. Se ela não fizer, não teremos a tal constituição subjetiva, o texto é lógico. E, para que isso aconteça, é preciso que haja a relação com um desejo que não seja anônimo. Necessidades de um lado e constituição subjetiva do outro, isso a família faz. O engendramento do subjetivo é algo irreduzível.

### **Família, elemento da constituição subjetiva**

Os próximos parágrafos são pra dizer o que é essa tal constituição subjetiva e o que é essa tal relação com o desejo que não seja anônimo.

É por tal necessidade que se julgam as funções da mãe e do pai. Da mãe, na medida em que seus cuidados trazem a marca de um interesse particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas. Do pai, na medida em que seu nome é vetor de uma encarnação da Lei no desejo.

Na tradução deixamos passar como “necessidade”, mas não é exatamente isso. Em francês são dois termos distintos, no primeiro a satisfação do *besoin* é o que a gente traduz por necessidade; mas é porque essa coisa é necessária, *nécessaire*, que se opõe à contingente. Não se confunda com o que seria a necessidade animal, não tem nada a ver com isso, pelo contrário, é a necessidade de que a família exista, que algo nela a torna necessária. Às vezes a tradução dificulta a leitura de Lacan, mas ele é preciso. Ele usa um termo pra necessidade animal e outro termo para a necessidade de que haja família. Um é animal, o outro é humano.

Para ficar claríssimo, seria mais ou menos o seguinte: é por ser necessário que a família exista, que se julgam as funções da mãe e do pai. Necessidade da família como o elemento da constituição subjetiva, é nesse nível que temos de julgar mãe e pai – se eles estão funcionando como constituidores da subjetividade, e não como aqueles que satisfazem por dar o alimento. É claríssima a idéia de Lacan, não julgaremos pai e mãe por estarem provendo, por estarem satisfazendo as necessidades; julgaremos pai e mãe por estarem produzindo sujeitos. Não é porque o pai ganha bem que será um bom pai, sabemos disso. A mãe que cuida muito bem do seu filho, com o maior amor, não é necessariamente uma boa mãe, ao menos não no nosso sentido. Pode ser que um casal de mendigos cuide muito bem do seu filho, apesar do pouco ou nenhum recurso.

Temos de saída que, no campo da psicanálise, não serão as coisas mais evidentes ou mais palpáveis que vão garantir se estamos no caminho certo. Para melhor definir estes critérios originais, Lacan vai definir os papéis.

### **O papel materno**

[...] da mãe, na medida em que seus cuidados trazem a marca de um interesse particularizado, nem que seja por intermédio de suas próprias faltas.

Ele define a mãe não como aquela que satisfaz as necessidades, mas como aquela que, com seus cuidados, deve trazer a “marca de um interesse particularizado”. Desde então os lacanianos quebram a cabeça para explicar ou demonstrar isso, até hoje tentamos teorizar isso melhor; claramente temos uma sensação, nem que seja por intuição, do que ele quer dizer. A mãe deve trazer, com seus cuidados, a marca de um interesse particularizado – isso é muito clínico.

A idéia dele não é definir o que é uma boa mãe, ou um bom pai; nos interessa definir as duas funções, e assim, entender melhor a teoria. Isso também nos ajuda a ter um certo parâmetro para pensar mãe e pai. Experimentem ficar com essa frase na cabeça e conversar com uma mãe; não estamos aqui para julgar – la boa ou ruim, mas se nessa conversa não se tem a impressão de um interesse particularizado pelo filho, algo não vai bem. Não estamos falando de um interesse pecuniário, se ela está interessada em ganhar alguma coisa ou não, ao contrário, é um interesse desinteressado. A mãe se interessa por seus filhos porque eles a atraem. Além disso, é preciso - e isso é crucial, que esse interesse se manifeste de modo particularizado. Isso por exemplo é uma definição, com todo cuidado, com toda ressalva, do que seria uma “mãe laciana *good enough*”.

Reparem que esse texto não fala nenhuma vez em falo. Se Lacan passou os vinte anos anteriores falando em falo, e não o faz aqui, isso é significativo, por isso eu também não vou falar sobre o falo. Cabe a nós juntar toda aquela teoria de falo com o objeto, há todo um trabalho para isso, e ele dá todas as pistas. Mas se tentarmos articular tudo o que entendemos sobre falo com o que ele fala aqui, vamos perder muito tempo, vamos nos confundir muito. O falo deveria entrar aqui como conceito, mas ainda não entrou.

Então já definimos a mãe, ela é aquela que, em seus cuidados, traz a marca de um interesse particularizado. O que é isso? Ela se interessa por alguma coisa que aquela criança tem. Se interessa em favorecer, em fazer acontecer, se interessa em criar alguma coisa que aquela criança tem. Tentem juntar as duas coisas, uma coisa é uma mãe que se interessa por seus filhos, mas isso é muito geral; ou, uma mãe que adora o filho, mas isso é muito pouco. Agora imaginem uma mãe que adora o filho porque ele tem um jeitinho disso e daquilo, isso é diferente - ela conseguiu particularizar o interesse dela. Entre: “Eu amo essas crianças todas. Que maravilha!”, e “Eu amo essa criança por isso, e aquela por aquilo”, há diferença. Entendem o que ele está chamando a função materna? Cuidar, e que seus cuidados mostrem um interesse; que esse interesse porte a marca de uma particularidade da criança.

### **Parêntesis para uma observação da leitura de um texto sob transferência**

Lacan é genial, é simples; não é muito prescritivo, porque isso é muito geral. O que vai ser esse interesse particular, vamos ver em cada caso. A idéia não é sair por aí fazendo uma cartilha, e isso é genial também. Por favor, não façam isso, não digam: “agora já entendi o que é uma mãe”, nem pensem que a partir de agora vai ser possível julgar todas as mães. O que é o interesse e o que é particularizado, vamos ver em cada caso. Não vamos nos colocar como quem sabe julgar isso. Por outro lado, é uma bússola, nos ajuda a trabalhar; nos sentamos para falar com a mãe, e essa idéia de interesse particularizado nos ajuda a nos situar. Freud e Lacan fazem isso, eles dão uma orientação clínica, não um manual prescritor.

Acho que aqui poderíamos substituir interesse por desejo, mas como Lacan teorizou muito o desejo, podia dar confusão. Não sei o porquê dessa escolha, mas sei que isso aqui é igual a uma tela de Chagal - não tem uma pincelada que não tenha sido calculada. Ele pode ter escrito num papel de embrulho, mas é alguém que lida com as palavras, então é melhor trabalhar assim, com o texto sob transferência. Eu suponho que cada palavra foi escolhida, talvez não tenha sido, mas se pensarmos desta forma - e ele merece esse pensamento, tiramos muito mais do texto.

Falamos desejo, e acho que essa palavra cairia muito bem, mas como confio muito em Lacan, suponho que interesse seja melhor. Há toda uma teoria a se fazer, o amor não tem um

objeto muito claro, o desejo tem. Ao mesmo tempo, o objeto do desejo é sempre algo difícil de definir previamente. Dito de outra forma, o amor não tem objeto preciso, pode ter objeto claro, mas não tem objeto preciso. O desejo é sempre um traço particular. Gostar de alguém, é desejar um traço dessa pessoa; um exemplo bem lacaniano seria: “eu amo você porque você é linda; mas eu desejo você porque, linda, você tem uma covinha que me deixa louco”, é assim o desejo para Lacan. Então, se fosse pra escolher entre amor e desejo, seria desejo; se fosse para escolher entre interesse e desejo, parece que interesse é melhor, não sei bem porque. Quem sabe se estudando, a gente aprende? De qualquer maneira, amor de um lado, desejo do outro.

Aqui, amor não é o principal, para definir uma boa mãe, vamos pensar mais em desejo do que em amor. Definimos uma mãe por amor, não é? Mãe é aquela que ama. Amor é uma das coisas mais confusas da humanidade, ao mesmo tempo, se não tiver um pouco de desejo, é das mais falsas. Pensem em um casamento por amor; na verdade, temos de entender casamento por paixão. Para Lacan, casamento por amor - só por amor, sem nada de desejo, é aquele casamento de quarenta anos que ninguém mais tem um traço que deixa o outro louco, o casal está junto por estar, quase uma questão de continuidade.

## O papel paterno

[...] do pai, na medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo.

A lei no desejo seria o pai pegar esse desejo da mãe e dizer: “tudo bem, mas tem limite”, ou mais ou menos isso. A mãe adora a covinha da sua filha, mas ela não vai fazer nada além de só adorar a covinha da filha. Enquanto que, por exemplo, um marido com a sua esposa vai fazer mais do que só adorar a covinha dela.

Tem qualquer coisa do pai que dá um limite para esse contato; essa é uma maneira de ler a frase, o pai interdita alguma coisa nesse desejo da mãe em relação ao filho - uma das facetas do pai que mais fez sucesso. Provavelmente, e aqui fazemos um parêntesis, porque o pai já não faz tão bem a sua função; adoramos essa idéia de que o pai é aquele que interdita a mãe, isso nos agrada, mas as mães de hoje são muito mais poderosas do que já foram. Talvez por isso essa faceta do pai lacaniano, essa função paterna, faça tanto sucesso. Todo mundo quer que o pai venha interditar a mãe, vai ver que é porque ele não a está interditando. Mas há outras facetas da função paterna para Lacan. E aí podemos falar em nome, nomear; interditar seria dizer: “não, espere aí, a covinha você pode adorar, mas é só um interesse particularizado. Não é um desejo que você vai fazer coisa com ele”. Essa é uma das funções do pai. Talvez ele faça isso, mas não só, talvez ele faça outras coisas também, como por exemplo, nomear.

O Nome do Pai é o vetor de uma encarnação da Lei. É possível entender como a encarnação da lei do desejo é nomear a lei no desejo? O nome é o que interdita, essa idéia é muito boa, nos faz lembrar que é por isso que Lacan fala em Nome do Pai, isso mostra muito claramente a força da lei enquanto simbólica. Não é porque o pai manda, ou porque ele tem autoridade física. Não é pela violência corporal, ou por ser uma presença masculina. É simplesmente o fato de que, porque mãe e filho têm o mesmo sobrenome, eles não podem transar, por exemplo.

Em geral, achamos que é uma coisa genética, e que por isso a mãe não vai querer ter um caso com o filho, mas não tem nada na natureza que nos faça dizer porque uma mãe não pode namorar um filho. Pensem em Édipo e Jocasta. É alguma coisa na cultura que diz que mãe e filho não podem ir para cama. E quem diz isso, senão o nome da família, o Nome do Pai? “Ela tem o sobrenome Vieira, e ele também, então, se são mãe e filho, não podem ficar juntos”. Essa interdição se apresenta como um nome que separa, e não como uma violência. Isso é um bom sinal do que é a função paterna para Lacan. Insisto nisso pois estamos em um

tempo em que essas coisas não funcionam tão bem. Seja para fazer um crediário, ou tirar o título de eleitor, só o nome da mãe basta. Quem é a mãe é uma certeza, é garantido, enquanto o pai, ninguém sabe por onde anda.

Cada vez mais o nome do pai se torna prescindível, só é necessário o nome da mãe. Estamos em um tempo, em que esse nome que separa está funcionando mal, então ficamos querendo um outro aspecto da função paterna, que seria separar pela violência. Mas não é bem para isso que Lacan está chamando a atenção, é preciso ter um corpo. Alguém precisa estar aí para fazer isso, apesar de também ser “apenas” um nome.

Lacan explicita todos os elementos: o nome é o vetor de uma encarnação da lei do desejo por alguém - que é o pai. Tem de haver alguém para fazer essa função; não pode ser só uma carteira de identidade, são as duas coisas juntas, a carteira de identidade que me faz dizer que você é minha mãe, mais alguém que afirma: “é isso mesmo”. Ocupação do lugar, pois o nome é o lugar, alguém o ocupa. Assim, esse desejo particularizado da mãe pela criança não será enlouquecido, terá o seu limite. Com esse parágrafo fizemos um sobrevôo sucinto, e ao mesmo tempo consistente, de toda teoria edipiana – freudiana.

Ao reler o Complexo de Édipo Freudiano, Lacan<sup>3</sup> vai precisar dos cinco elementos para falar disso, pois cada um deles diz uma coisa específica sobre a função paterna: seu *nome* é o *vetor* de uma *encarnação* da *Lei do desejo* - cinco. Até agora só examinamos o nome e o vetor, que talvez fosse a interdição; a função da interdição vai estar um pouco escondida nessa idéia do vetor, não vamos desenvolver isso. Nome, vetor e encarnação - ou seja, alguém tem de estar lá.

Sobre a lei do desejo já falamos, lei como limite. Tem de haver alguma encarnação. Será que ela precisa de um homem? Poderia ser uma outra mulher? Claro, desde que ela faça essa função; poderia ser apenas o retrato do Roberto Carlos colado num armário embutido. Não precisa da palavra, só do nome, um sobrenome para ter na carteira de identidade. E vai ser necessário dar corpo a esse nome. O nome não é falar: “saia daqui, mulher!”. O nome é: “tu és mãe dessa criança”, é assim que Lacan fala no Seminário Cinco. Se não houver um sobrenome para fazer essa função, a tendência é uma misturinha entre mãe e criança. Não estou falando que a mãe iria para cama com a criança, mas entendam, é a função que preserva as coisas dessa forma, isso não é um dado da natureza. Na prática, nenhuma mãe quer ir pra cama com seu filho, mas ela pode se agarrar demais à criança, pode passar de alguns limites, e o detalhe é que não percebemos isso inicialmente, só o fazemos depois.

O pai não precisa fazer nada demais, só pelo fato de transmitir o sobrenome, de encarna - lo, os limites não são ultrapassados. Tem de haver uma encarnação, mas qual seria? Isso é muito variável. Se tiver de ser um homem, de tal faixa etária, ganhando tantos por mês, vamos cair numa cartilha. A boa relação é pai, mãe e filho? O pai pode ser muita coisa, só que alguma coisa tem de encarnar essa função, não pode ser apenas virtualmente. E como é que se encarna? Cada caso é um caso. Temos de julgar, olhar os casos, discutir. Está em aberto para pensarmos o que seria uma encarnação paterna nesse caso. Será que houve, será que não houve?

Q: “A criança tem de fazer, pelo menos, uma hipótese de que a ausência da mãe está ligada a alguém ou alguma coisa”.

A criança tem que fazer essa hipótese, e alguém ou alguma coisa tem que dar lastro à hipótese. Esse é o tempo da encarnação, é o terceiro tempo do Édipo - no Seminário Cinco, Lacan o distingue em três tempos. Tem de haver a hipótese de que a mãe não se interessa só pela criança, e essa hipótese tem que estar localizada num outro lugar.

---

<sup>3</sup> Essa passagem está mais estendida no Seminário Cinco, lá há dois capítulos que se chamam “Os Três Tempos do Édipo” (I e II), onde ele faz tudo isso que aqui está de forma corrida, um pouco mais devagar; mas mesmo devagar é rápido, pois se trata de quase metade da Obra Freudiana, pelo menos um terço, e é por isso que a frase fica difícil.

Se a mãe faz um bolo de chocolate e o comemos, o pai tem presença. Mas se ela vai lá na cozinha e não volta com nada, essa função paterna está ruim. O exemplo do bolo de chocolate é bom porque tem tudo a ver com a missa, com a idéia da comunhão. Comer alguma coisa, é bem concretamente a presença do pai. Não precisa ser uma pessoa, mas tem que dar uma certa consistência. Agora Lacan situa no nível mais básico, consistência não precisa ser um ser de dois braços e duas pernas, não precisa ser do sexo masculino. Talvez sim, talvez não. Para uns sim para outros não, isso fica em aberto. Vamos ver isso em cada caso, ou ficaria ridículo. Qualquer criança que não tem pai em casa, teria problema com o Édipo. Não é assim, isso não seria psicanálise, seria revista Capricho. Foi assim que se leu a psicanálise, até Lacan.

Se tiver um nome, que este seja vetor de uma encarnação da lei no desejo. Agora temos de pensar o que é isso. Quem determina isso? Ninguém. Vamos vivendo. Se um dia ela tiver um problema, irá procurar um psicanalista e chegando lá, ele vai supor que tem alguma coisa em algum lugar. Na verdade, é o analista que vai fazer uma hipótese. Não dá pra saber na vida o que foi e o que não foi, é uma hipótese de trabalho: “naquele caso faltou bolo de chocolate”; você vê aquela criança ali, comendo bolo de chocolate, e vai ver que ela está tentando, ao comer o bolo, dar essa encarnação ao pai.

Imaginem uma mãe que diga a seu filho que aquele bolo é um nojo, ou que o biscoito que a criança comprou antes de chegar em casa é um biscoito horroroso. A mãe odeia aquele biscoito, odeia aquela história e quer vetar o biscoito. Às vezes, alguém que chegue e fale para ela deixar a criança comer o biscoito dá a concretude do pai, a encarnação deste, e acaba com o problema. E quando esse alguém vai embora, fica com a sensação de ter feito alguma coisa - mas que ninguém sabe direito o que foi, nem a mãe nem o filho. Não adianta explicar pra eles que esse alguém deu corpo à função paterna, porque a única coisa que ele fez foi falar para a mãe deixar a criança comer o bolo. E não é porque ele disse: “deixa ele comer o bolo”, porque se fosse assim, ele já teria autoridade necessária pra dar limite, seria só falar: “para de ficar agarrada no seu filho” – mas isso todo mundo já falou. É diferente dizer: “olha é importante que ele coma esse bolo”; e aí, quando o garoto come o bolo, ele ganha uma certa força e consegue se afastar da mãe, resolvido.

## **A atemporalidade**

Às vezes, é preciso apenas colocar um bolinho na balança para que dê tudo certo. Isso é para dizer que quem determina o que foi é, na verdade, uma especulação nossa, como uma ferramenta clínica pra intervir, ou não teríamos teoria. Se pensarmos pontual, estruturalmente, teríamos de ser cirurgiões para ir lá atrás no tempo e voltar. Teríamos que ter a máquina do tempo para voltar no passado, encontrar esse momento e refazê-lo. Muitos filmes de máquina do tempo dão essa idéia de poder voltar, construir e reconstruir, consertar um erro, mas isso é uma fantasia nossa.

O que somos é meio errado, não é muito certo, nem muito exato, então temos essa idéia de querer poder voltar no tempo e reconstruir. É disso que vive a psicanálise. A pessoa vai fazer análise com essa fantasia. Mas não precisamos passar essa fantasia para nossa teoria, saber se aconteceu ou não aconteceu isso de ter faltado o bolo. Se tiver acontecido uma vez, isso explicaria todo o problema? Ou não aconteceu, está acontecendo? Vamos ficar com essa idéia de que está acontecendo, é muito melhor do que a idéia do que aconteceu. Porque se aconteceu e já passou, só com uma máquina do tempo.

Tem alguma coisa que aconteceu, ou desaconteceu, ou não aconteceu, que continua. Por isso podemos intervir, porque ela é presente; ela não está no passado, e isso vale para criança de cinco anos e vale para o velho de oitenta. Por que se atenderia adulto, não seria muito melhor você resolver os problemas na criança? A psicanálise tem uma espécie de eternidade, você pode atender criança, adulto e velho, porque essas coisas que nos constituem, continuam acontecendo e nos constituindo. Queremos mudar de caminho, mudar o rumo de

uma existência, não queremos consertar erros. Isso é muito bom, essa questão é muito importante; é bom insistirmos nisso, ou saímos daqui com a idéia de que a psicanálise é uma oficina mecânica da alma. É uma tendência irresistível ler essas teorias sobre a criança como teorias que explicam uma fase do desenvolvimento; se ela der certo vira gente, e se der errado vira doente. Isso fica muito simplificado. É evidentemente que quando colocado dessa forma, fica óbvio que essa teoria não pode ser assim, mas ainda continuamos achando que é, porque é uma fantasia nossa achar que vamos conseguir consertar a vida.

Seria lacaniano dizer que somos todos traumatizados, que somos todos errados; a vida é mal feita, mas uma análise serve para termos uma maneira de mudar. Mudar, por exemplo, às vezes é sobreviver com aquela situação. Mas nunca ab-reagir o trauma - que era a idéia inicial do Freud. Aconteceu alguma coisa comigo e eu fiquei traumatizado, está aqui o meu sintoma. Sabendo disso voltamos para lá, graças a um procedimento analítico, e eu vou ab-reagir para acabar com o sintoma. Isso durou cinco anos em Freud, depois ele começou a mudar porque viu que só isso não dava. Existem discussões de que se Freud saiu da hipnose foi justamente porque ele não acreditava nisso, mesmo quando começou.

Então vamos pensar de outro jeito, estamos aqui pensando o alvorecer de uma vida, não porque aí nós temos o poder de decidir um destino correto ou um destino incorreto; nós temos o poder de mudar um destino agora, ou quando o sujeito tem oitenta anos e está com câncer terminal - se em um câncer terminal ele ainda tiver três dias de vida, ele ainda pode mudar o destino dele, não pode? Pelo menos o destino deu a ele antecedentes, ele vai poder mudar seu testamento. Se tivermos essa idéia de uma coisa que está acontecendo constantemente, a vida não tem começo não tem fim, é uma confusão o tempo todo, e podemos mudar o destino a qualquer momento, para isso serve o psicanalista.

É importante falar essas coisas aqui pois, quando pensamos em criança, tendemos a pensar que nós vamos para o alvorecer e que ali nossa ação será muito importante. Se fosse assim, claro que seria importante, mais importante do que depois; então, por que não a profilaxia? Por que não ir pra antes do nascimento, para o tempo da gestação? Ou para a vida passada? Se ficarmos muito nessa idéia, vamos para terapia de vidas passadas e não para a psicanálise. O freudismo e o lacanismo tenderam a ler as coisas assim. Não estou dizendo que isso não seja Freud nem Lacan, mas um jeito de ler. O próprio Lacan favoreceu isso.

### **Sobre a tripartição entre neurose, psicose e perversão**

Existe um momento do nascimento, um momento do desenvolvimento, onde você escolhe um entre os três destinos: neurose, psicose, ou perversão. O argumento daqueles que não gostam de Lacan é dizer que isso é um absurdo, que ele dividiu a humanidade em três - três times. Tentamos nos virar para explicar que não é bem assim, mas se exageramos nessa teorização, acaba sendo. É importante termos primeiro um certo comedimento, isto é, uma maneira muito mais de saber como intervir, do que uma maneira de dizer o que é, o que aconteceu naquele ser.

O perigo do meu discurso é parecer que um psicótico pode se transformar em um neurótico, mas eu não diria isso, não vamos exagerar. O perigo do outro discurso é dividir a humanidade em três, mas também não vamos exagerar nele; ficamos entre os dois. O que eu posso dizer é que usando essa tripartição eu sou capaz de pensar como mudar o destino desse psicótico.

É necessário uma distinção, ou vamos nos confundir, vamos achar que podemos mudar o destino fazendo uma coisa, quando na verdade é outra. É muito importante a distinção entre neurose e psicose - e ela se mantém, mas não cabe usar essa distinção para dizer que alguém é psicótico, e com isso colocar um ponto final no caso. Esse é o perigo dessa separação, que como tudo mais, tem dois lados. Essa distinção muito radical entre neurose e psicose, e a idéia de que houve um momento genético que determinou definitivamente o rumo da pessoa, dá a impressão que o tratamento pode apenas “quebrar o galho”, mas a psicanálise

não é isso. Não se trata de quebrar galhos, é possível mudar um destino dentro da psicose, dentro da neurose. Se eu pensar o que eu vou fazer com a Síndrome de Down dele, já não é mais psicanálise.

No discurso dele, no jeito dele ser, a subjetividade dele, tudo isso traduz, indica alguma coisa. A melhor maneira de situar essa alguma coisa como muito resistente à nossa intervenção, muito difícil de mexer, é colocando ela no passado, dizendo o que aconteceu. Porém, há qualquer coisa na carência do Nome do Pai, que não é possível compensar assim, não é possível chegar e falar que de um momento para o outro vai ser resolvido. Esse meu exemplo do bolo, é um exemplo maravilhoso, mas é minoria. Se não houver a idéia de que podemos resolver o problema agora, problema que aconteceu no passado, nossa intervenção serviria para quê? Não vamos resolver o problema fazendo acontecer aquilo que deveria ter acontecido, fazendo de outro jeito aquilo que não foi feito; temos de achar ser possível, para que o seja de fato.

O lacanismo, talvez não tanto hoje, mas o lacanismo geral, tende a psiquiatrizar demais esse momento, essencializar demais a psicose e a neurose como caminhos decididos em uma certa idade e que depois disso, “já era”; “já era” em um sentido em que o pai não vai mais funcionar como poderia ter funcionado, e não um “já era” no sentido de alguma coisa que ainda pode ser feita para que haja limites, para que a criança não se misture com a própria mãe, ou para que a criança tenha uma certa encarnação de alguma coisa que serviria como um pai que não serviu.

## **O sintoma como representante da verdade**

Vamos voltar ao texto. Depois de definir toda a teoria do Édipo, ele vai entrar numa teoria sobre a relação mãe-criança. Antes ele estava falando do Édipo de uma maneira geral, e agora ele vai dizer quais seriam os problemas ou questões nessa relação mãe-bebê, nessa relação mãe-filho.

Na concepção elaborada por Jaques Lacan, o sintoma da criança acha-se em condições de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar.

Isso está de acordo com o dado do senso-comum: se há problema no casal, a criança é quem vai pagar o pato. Mas isso tem um aprimoramento, uma complexidade toda específica, usando o termo sintoma. Essa idéia do casal que não vai bem e de quem paga o pato é o filho, é o que ele está mais ou menos dizendo com: “o sintoma da criança acha-se em condições de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar.”; vamos tentar introduzir um pouquinho da complexidade que o termo sintoma introduz. Lacan define:

O sintoma - esse é o dado fundamental da experiência analítica – se define, nesse contexto, como o representante da verdade.

Não teremos como desenvolver isso aqui, existem milhões de definições de sintoma em Lacan; eu só quero marcar o seguinte, verdade para Lacan é alguma coisa que nunca se sabe bem o que é. É a famosa frase: “a verdade é sempre meio-dita”. Já ouviram isso? Eu nunca vou poder dizer a verdade da verdade, eu apenas posso dizer um pouco dela. Tem outra expressão que ele usa: “a verdade pode sair do poço, mas só a meio corpo”. A verdade sai um pouco do poço, depois volta. Então, se o sintoma é representante da verdade, ele nunca será exatamente, com certeza, aquilo que sabemos que é. Isso já dá um índice de como ler.

Se o sintoma é o representante da verdade, a verdade aqui seria o que? A verdade do casal, a verdade do sintoma, como ele diz, a verdade da estrutura familiar. Tem qualquer coisa nesse casal que faz sintoma, e que tem a verdade disso. A criança vai dar a verdade desse sintoma, mas ela nunca será completa. O que é isso mais ou menos? Por que um homem e

uma mulher estão juntos? O que os une? O que é que dá liga? Eles nunca vão saber completamente. Eles sabem fazer uma lista, e todos seus itens serão sempre meias-verdades. Isso, por exemplo, é o que a gente pode chamar de sintoma da estrutura familiar, no bom sentido.

Podemos também pensar que, exatamente isso que dá a liga ao casal, é o que vai estourar quando der problema. Por exemplo, eu estou com você porque você me lembra a filha que eu perdi quando tinha vinte anos. Agora eu tenho quarenta, e me casei com uma menina mais jovem. Se isso é verdade, se é um aspecto da verdade, é isso que não poderá ser dito ali, ou não vai haver casal. Se eu tenho um casal em que o sujeito diz: “Eu gosto, estou com você porque se parece com a minha filha”, não é isso que dá a liga ao casal. Tem uma verdade mais próxima da verdade, e costumamos chama-la de recalado. Essas coisas que estão mais próximas do núcleo da verdade, costumam ser o ponto que dá a liga ao casal.

Dizer que essa verdade é inconsciente, é uma maneira de dizer que só será meio dita, ela nunca será totalmente consciente. Por isso ele marca na frase o fato do sintoma ser “o dado fundamental da experiência analítica”, nesse sentido de que às vezes a experiência analítica toda se desenvolve em torno desse vazio de saber, desse: “Eu não sei bem o que me faz estar com essa mulher. Não a suporto e quero me separar dela, mas não consigo. Vou fazer uma análise”. A análise sempre vai chegar nisso, independente da razão que me faz começar uma, é sempre por alguma coisa que eu não consigo dizer ou fazer de mim mesmo, algo que eu repito, que me faz sofrer, que me faz querer me conhecer mais.

### **Uma diferença clínica: o lugar do sintoma ocupado pelo ser da criança ou pelo sintoma desta**

Lacan diz que a criança tende a ocupar esse lugar para o casal. Repetir o sintoma, esse é o dado fundamental da experiência analítica, e ele se define nesse contexto como representante da verdade. Lacan disse que o sintoma da criança ocupa o lugar do sintoma do casal. Não é isso? Então, são duas coisas, eu falei que a criança ocupava o lugar do sintoma do casal, mas ele diz que é o sintoma da criança que ocupa esse lugar. Esse é um detalhe importante, o texto é todo costurado; não vamos desenvolver – lo aqui, mas notem uma diferença clínica: pensar que a criança ocupa o lugar com seu corpo, com seu ser, e pensar que é o sintoma da criança que ocupa esse lugar.

Quando a criança ocupa esse lugar com seu corpo, com seu ser, é muito mais presa à coisa, à esse lugar. Continuando com esse exemplo que eu dei, eles estão casados por uma espécie de relação pai-filha, os dois não têm a mesma idade e tem qualquer coisa de uma relação paternal ali que estrutura. Mas é um pouco pior do que só isso, porque vai ser uma relação paternal na cama; eles são casados, é uma coisa meio incestuosa que acontece ali entre os dois, mas ninguém sabe disso. Quando a criança vier, e se ela for mais ou menos o sintoma desse casal, ela vai trazer alguma coisa disso à cena. Se isso acontecer com ela mesma, no corpo dela, ela não vai conseguir se libertar disso muito facilmente. Se isso é só um sintoma dela, fica tudo bem. Por exemplo, o sintoma dela é brincar de médico, ela não pára de brincar de médico. Dá para imaginar o que eu quero dizer como sintoma? Ele atrapalha o casal, o incomoda, porque aquela brincadeira de médico parece trazer alguma coisa deles que não pode ser dita. E não tem nada de errado em brincar de médico, não tem nada de errado um casal ter uma relação paternal, é simplesmente o fato que em toda relação tem alguma coisa que não pode ser dita, senão a relação acaba.

É essa coisa que não pode ser dita que é a mola da relação, se a criança começa a encená-la, o casal se perturba; tem qualquer coisa que o mobiliza ali. Se for só o sintoma da criança, ela está mais safa. Se quando ela está brincando de médico e a proibimos disso, ela ainda pode brincar escondido. Mas se é uma criança que faz qualquer coisa, tem uma tendência - estou exagerando um pouco - a viver alguma coisa meio incestuosa com tios e irmãos, por exemplo, aí a coisa é muito mais complicada. São indicadores clínicos preciosos.

Isso que estávamos falando é sobre o casal; a criança piora ainda mais se tirarmos o pai de cena e deixarmos só ela e a mãe.

### **A criança como lugar sintomático da mãe**

Nesse parágrafo ele já deu toda uma série de indicações clínicas sobre a criança como lugar da verdade sintomática de um casal, certo? Agora ele vai dar, no próximo parágrafo, toda uma série de indicações clínicas sobre a criança como um lugar sintomático da mãe. Vamos ver como ele diz:

A articulação se reduz muito quando o sintoma que vem a prevalecer, decorre da subjetividade da mãe. Aqui, é diretamente como correlata de uma fantasia que a criança é implicada.

Ou seja, as coisas ficam mais difíceis ainda, têm menos margem de manobra clínica, quando o sintoma que prevalece decorre da subjetividade materna, e não da do casal. Seria mais ou menos o que eu estava querendo dizer, mas aqui teríamos de desenvolver a idéia da fantasia. Para antecipar um pouco, vamos dizer que a criança é tomada inteira, e não o sintoma dela.

Quando é o sintoma da mãe que prevalece na relação mãe-filho - e não tanto o sintoma do casal, a coisa é mais difícil para a criança, que tende a ser tomada na fantasia da mãe, assim são os termos de Lacan. Teríamos de discorrer sobre a idéia de fantasia e de sintoma, mas vamos ficar um pouco nessa idéia de que é mais com seu corpo que ela é levada, e não com o seu sintoma.

A criança é aspirada um pouco a ser aquilo que a mãe espera que ela seja, é mais ou menos isso. Mas o que a mãe espera que ela seja inconscientemente, não é o ideal da mãe. A mãe quer que a criança seja um grande doutor, porque inconscientemente, ela quer qualquer coisa daquele jogo da cabeça dela de médico-enfermeira. Ao invés do filho virar um grande doutor, ele vai brincar com as meninhas do bairro. Entendem o que é a fantasia inconsciente ou consciente? Uma coisa é a mãe dizer que quer que seu filho seja um grande médico, e isso ter a ver, estar ancorado na cabeça dela como qualquer brincadeira de médico entre ela e o primo quando eram pequenos. Cada um tem a cabeça mais torta que a outra, não importa isso que nela incomoda um pouco; o médico é a ponta do iceberg, mas o resto está por ali também.

Se uma criança vem e ocupa esse lugar, incomoda a mãe; ao mesmo tempo, se a mãe está sozinha com a criança, a tendência é a criança ocupar esse lugar. Se não tiver esse tal limite, se não tiver essa presença paterna, essa outra coisa que vai constituir um casal - que é o que dialetiza as coisas, é muito maior a tendência de que o filho faça esse papel de materializar a fantasia inconsciente da mãe. E a mãe não se reconhecerá nisso porque é inconsciente, não é dela; mais do que isso, não se reconhecerá, e aquilo causará um certo horror, é quando ela leva o filho para o psicanalista. O primeiro dado é esse.

Vamos fazer uma regra geral, o que quer que a criança faça e que seja encenar a fantasia inconsciente da mãe, vai incomodar profundamente a mãe. Às vezes não incomoda nada a vizinha, não incomoda nada a ninguém, só incomoda à mãe, e por isso a mãe a leva ao analista. Como é que funciona essa máquina? Como a criança percebe isso tudo? Por que a criança é aspirada a esse lugar? Teríamos de discorrer bastante nesse ponto, mas nesse texto ele não dá muitas indicações para isso, aqui ele dá ao menos a idéia de que o sintoma que prevalece na relação pai e mãe, tem algo a ver com sintoma da mãe prevalecer como o sintoma do casal.

Isso vai bem porque a mãe, a mulher, tende a ser o objeto de desejo; a mulher tende a estar no lugar de objeto. Uma mulher que casa, que sabe despertar desejo, é uma mulher que sabe jogar com essa idéia de objeto. Uma mulher que se recusa a ser objeto, tem sérias dificuldades em despertar desejo. Não faltam exemplos, Camille Paglia - a primeira que me veio à cabeça, é uma filósofa famosa que vai a programas de televisão e declara

publicamente: “Há cinco anos eu não tenho homem”. Está cheio de mulheres falando isso, e são mulheres bem sucedidas, poderosas. O problema é que para ter uma certa conjugação com o desejo, ela tem de topar se jogar um pouco no lugar de objeto, isso para que o desejo masculino funcione. Se a mulher é bem sucedida, poderosa, fica difícil dela fazer isso. Não é porque ela é poderosa que ela não quer fazer, ao contrário, é porque ela não quis fazer que ficou poderosa.

Uma mulher que exerce a sua autoridade, que manda e faz, tende a ser bem sucedida, mas geralmente no amor, a coisa não vai dar muito certo. Se ela tem qualquer coisa com o lugar de objeto que é um problema, a fantasia dela prevalece. O casal seria onde as fantasias se misturam, mas se ela manda na fantasia do casal, é justamente o lugar de objeto que é uma questão. Talvez seja por aí, essa é a idéia da mulher como objeto. E aí, como correlata de uma fantasia, a criança será implicada.

A distância entre a identificação com o ideal do eu e o papel assumido pelo desejo da mãe é histórico pra criança; o ideal e o desejo – esse seria o momento de desenvolver algo sobre o ideal do eu e o desejo da mãe, mas tirando esses dois detalhes, ele está repetindo um pouco o que já disse, não houve a mediação, normalmente assegurada pela função do pai. Ele dá mais um nome pra função paterna: mediação. São seis nomes e nenhum deles foi interdição. É bom marcar isso, todos eles indicam como dar limite, como separar, mas nenhum deles apela para um pai que vem bater na mãe, para assim separa - la do filho.

Por que a criança fica exposta às capturas fantasísticas? Porque falta mediação, que é o que dá distância entre ela e a mãe. A mãe fala: “Você, meu filhinho querido, vai ser um grande doutor!” E vem o pai dizendo: “Larga esse menino. Vamos jogar bola?”. E pronto, aparece uma mediação e o doutor já não tem tanta pregnância. Quanto maior for a falta de mediação, maior vai ser a captura da criança pela fantasia materna.

Aprendemos que a fantasia não é só o lado consciente, ela vem com um ‘kit’, “eu sou doutor, mas também apalpador”, assim ela se torna o ‘objeto’ da mãe. E não tem mais outra função senão a de revelar a verdade desse objeto, que é dar o lado inconsciente da coisa, ela acaba fazendo isso. Vocês já sabem também que não é a verdade toda. O desejo da mãe não é que ele seja apalpador, isso é só um aspecto da coisa. Mas ela tende a fazer esse papel. Antes quero marcar aqui como Lacan escreve: “Ela se torna o ‘objeto’ da mãe”, percebam que objeto está entre aspas. Isso eu acho muito importante marcar, Lacan não disse que a criança é o objeto da mãe, ele disse que a criança tende a se tornar objeto - entre aspas - da mãe. Lemos isso e repetimos: a criança como o objeto da mãe; mas um ser que é só objeto, não é nada. Por isso Freud insiste na idéia de uma falta de separação, um ser que é só objeto não se separou da mãe, ele é um pedaço dela, não um objeto. Quando dizemos no dia-a-dia: “ela está na posição de objeto, está no lugar de objeto da mãe”, sempre tem alguma separação entre ela e a mãe, ou não teria vida. Mesmo o autista, o mais ‘barra pesada’, tem alguma separação do outro. O exemplo maior de Lacan para isso está no texto anterior: “Alocução sobre as psicoses da criança”, quando ele diz que o autista tapa o ouvido porque não quer que alguma coisa entre; ao tampar o ouvido, ele está criando uma separação.

Por mais loucos que sejam todos os comportamentos, que eles pareçam maquinais ou doentes, vamos sempre supor que sejam elementos de separação entre ele e o mundo. Isso será um trabalho dele, tem sempre alguma coisa de alguém fazendo uma tentativa de separação. Teria sido mais fácil se ele tivesse ido jogar bola com o pai, mas não deu. Isso nos abre um campo de intervenção, mesmo nos casos mais radicais. Se ele joga ‘cocô’ na parede, isso não é um ato animal compulsivo sem sentido, não é um instinto, não existe um instinto de jogar ‘cocô’ na parede. Temos de pensar que não é à toa que é cocô, não é à toa que é parede, nem é à toa que ele está jogando. Temos de supor que tem um trabalho ali. Isso inclusive é um livro recentemente publicado: “O trabalho do autista”, que traz essa idéia de que ele está sempre trabalhando pra tentar separar.

## **Depuração de cenas, o caminho para a fantasia**

Aparecendo como mais características que as outras, mais interessantes, mais fortes - sabe-se lá o porquê, essas cenas de violência parecem mais importantes. O que aconteceu? Uma série dessas foi descartada, ficaram as mais importantes. Isso é um efeito de análise, que opera por redução, deixo o seguinte exemplo: “Eu não sou mais atormentado por tantas situações, agora só algumas me atormentam”. Isso tem um efeito terapêutico imediato: “Nem todas as cenas que poderiam despertar a minha violência o conseguem, só algumas. Antes, se me chamassem de qualquer coisa, eu já estava partindo para agressão. Agora, só se me chamarem de uma certa coisa”, só se isso estiver dentro de um certo campo semântico; entendem o que eu estou querendo dizer por uma certa redução? Você traz as cenas, e aos poucos algumas vão ficando mais carregadas, só isso já tem efeito terapêutico.

Na vida, quando você já se orientou um pouco mais, você consegue, por exemplo, manter seu emprego que até então não conseguia. Você consegue manter o seu emprego apesar do fulano que você não suporta, sabe que tem um outro fulano que você suporta um pouco mais; você percebe que um te leva mais pra um certo nível de cenas, e o outro te leva mais para outros. Tem um certo trabalho consciente, você passa a evitar o primeiro fulano, mas também tem esse trabalho da análise que segue, não tanto pela consciência, que é um lado que ficou mais importante, e você quase que naturalmente se afasta de outros.

Caminhando no sentido de uma depuração das cenas, elas vão ficando cada vez mais reduzidas. Por isso é que chegamos às cenas infantis, que parecem juntar uma série de coisas. Os personagens principais, que são matrizes de toda uma série de coisas na vida, estão lá, condensados na infância. Chegamos às cenas básicas com poucos elementos, mas elas dizem muito do que somos individualmente. A cada vez fica mais difícil explicar para os outros como é que uma cena dessas contém tanta coisa, mas contém, ela foi reduzida, e cada elemento dessa cena te remete, por associação, a uma série de outros elementos. Isso dá quase o plano geral de uma vida, algumas matrizes são essenciais – é o que Lacan chama de fantasia fundamental; as fantasias seguem mais ou menos uma certa lógica, e esta nos leva a uma depuração, a uma espécie de cenas fundamentais que constroem a maneira como cada um lida com o que não tem nome, com o que não tem jeito, com o que não tem remédio nem nunca terá, com o que não tem passado, com o que não tem limites. Chamamos isso de real. “O que será que será / Que dá dentro da gente e que não devia / Que desacata a gente, que é revelia”, podemos pegar essa música inteira. Ela desenha perfeitamente, na nossa cultura, o que é esse núcleo real da gente, e como não temos como dar conta dele - desde que nascemos. Nós somos seres humanos e falamos, por isso a vida nos parece mal feita, tentamos dar um jeito para arrumar um lugar para isso.

## **Real, objeto ‘a’ e fantasia**

A análise constrói um pouco o lugar desse real como impossível de ser dito, e não como achamos saber o que é. É quase como se, em cada cena, fosse aparecendo um ponto de real dela. Se chegamos à fantasia como uma espécie de célula fundamental, matriz, ela tem sempre um ponto de real. Concretamente, nas históricas de Freud, era o adulto sedutor; o olhar de gozo do tio que seduziu a menina na estalagem é um ponto, e é aquilo ali que ela não dá conta, aquilo é que é o horror de tudo, o resto é explicação – e também o que organiza esse real em sintoma. Organizado, o real se torna algo como: “Eu estou assim porque ele abusou de mim”. A pessoa pega alguma coisa horrorosa que não sabe dizer muito bem - mas que também poderia ser maravilhosa, e diz que ela é só horrorosa porque foi ele que abusou dela. Uma outra fantasia seria dizer que existe um príncipe, e que ele vai fazer desabrochar aquilo que a pessoa tem de mais poderoso. Isso é uma fantasia que organiza, localiza o real, e cria uma possibilidade de gozar com ele aceitável e nada horroroso.

Isso que vai chegando no núcleo da fantasia, Lacan chama de objeto ‘a’. Estou

fazendo definições grotescas, mas é o que posso aqui. O objeto 'a' é isso, é uma espécie de resíduo de todos os objetos que você teve. Se houve objeto, e se esse levava desejo a você, é porque ele tinha um traço qualquer que motivava o seu desejo. Quando chegamos nesse traço, percebemos que ele não é palpável. Cercamos um pouco o lugar desse objeto numa análise, e o final dela se dá em relação a esse objeto - o que cada um vai fazer com esse "xxx". Isso tudo é muito difícil de imaginar, mas vamos fazer uma análise para tentar.

A criança *realiza* a presença do que Jacques Lacan designou como objeto a na fantasia.

Basta olhar mãe-bebê para ver o que é esse objeto na fantasia, é aquela coisa que dá um incômodo danado pra mãe, ao mesmo tempo em que mobiliza tudo o que ela faz; a vida inteira dela vai envolta daquilo, que pode, dependendo do desenlace com ela, ficar uma maravilha, ou ser um terror.

Imaginem esse caso que eu dei rapidamente, a criança que insiste em ficar tocando em todos os meninos no recreio - que seria a brincadeira de médico, revivendo qualquer coisa da própria mãe, qualquer coisa dessas brincadeiras de médico que ela tinha; isso é insuportável para ela, e ela não sabe o que fazer. Ao mesmo tempo, essa criança faz alguma coisa que mobiliza, encarna alguma coisa que para ela, organiza todo o seu desejo. Se isso vem demais à tona, a mãe separa do marido, nada mais funciona; se isso fica escondido demais, as coisas perdem a graça. Isso é o que chamamos de objeto 'a', e a criança realiza a presença do objeto 'a' na fantasia da mãe; essa é a indicação teórica que ele nos dá para aprendermos o que é o objeto 'a' na fantasia com o trabalho com criança, e também para situarmos a criança na hora de intervir.

ela satura, substituindo-se a esse objeto, a modalidade de falta em que se especifica o desejo (da mãe), seja qual for sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica.

O objeto 'a' está sempre em falta. Isso que eu quis dizer, quando ele aparece é insuportável, é um traço, uma covinha, é qualquer coisa daquela mulher que eu não sei dizer o que é, isso é o objeto 'a'. Se eu chego perto demais e ele aparece, se eu consigo pegar nele, vem a angústia, porque o desejo funciona com o objeto 'a' um pouco escondido, e não com o objeto 'a' aparente. Nesse caso, a criança satura, ela faz esse objeto 'a' aparecer. É o que eu dramatizei aqui com a idéia de que ela começa a bolinar todos os meninos no recreio - há qualquer coisa com a presença desse desejo da mãe que não dá certo, e ele diz que é a angústia; a criança satura a falta da mãe, a falta de saber sobre esse objeto, seja qual for sua estrutura especial: neurótica, perversa ou psicótica; de qualquer maneira, ele está dizendo claramente que essa regra vale para as três estruturas, essas coordenadas devem poder ser aplicadas nos três casos.

É bem interessante, tendemos a pensar que isso tudo de objeto 'a' e fantasia só serve para a neurose, mas a transferência com Lacan nos faz querer produzir mais teoria; se somos lacanianos, estamos o tempo todo pensando, repensando, examinando os casos. Será que não existe uma mãe que é claramente esquizofrênica, mas que funciona bem com a criança e as coisas, por que não? Se funciona bem, então houve alguma coisa que separou essa criança da mãe. Mesmo que a mãe não tenha falado no bolo de chocolate, o bolo de chocolate entrou, temos de saber como, ou vamos achar que toda mãe esquizofrênica produz filho esquizofrênico.

O objeto 'a' é uma coisa estranha, impalpável, não é a criança que faz tudo o que a mãe quer; essa criança dócil e obediente, não está no lugar de objeto - isso é lugar de objeto no senso comum, mas na teoria lacaniana lugar de objeto é outra coisa. Para Lacan, o que está no lugar de objeto é aquilo que quase dá a minha verdade, que me desperta toda a minha libido e, ao mesmo tempo, se der a verdade demais me assusta. O objeto 'a' é uma dificuldade no final da análise, quando você está lidando com esse vão do seu desejo; os finais de análise,

segundo Lacan, teriam de ser muito tempestuosos é uma espécie de limite das coisas, o que você vai fazer com esse vão do seu desejo. Se a criança aparece no lugar de objeto 'a', realizando na realidade a fantasia da mãe, vai ser uma experiência difícil. O que acontece com a mãe? A criança aliena para mãe qualquer acesso possível à sua própria verdade. Isso seria uma discussão sobre o final de análise também. Se tem alguma coisa no lugar desse objeto, a mãe não tem como lidar com ele como falta, mas como um objeto concreto. A mãe não consegue fazer uma análise, por exemplo.

### **Alguém como sintoma**

Para fazer análise, o seu objeto de desejo tem que aparecer como “eu não sei”. Se eu sei, se ele está ali, e responde a todas as minhas necessidades angustiáveis e prazerosas, não tenho como fazer análise. Uma mãe agarrada no filho não faz análise, além de atrapalhar tudo quanto é análise também. Ela quase não deixa margem para a separação com essa criança, ou deixa uma margem mínima. O que chamamos de melhorar é uma certa separação para ela. O que ela chama de melhorar é qualquer coisa que não atrapalhe o que mais ou menos já está lá. Ela quer um certo alívio, mas não muito.

Não podemos dizer a ela que a melhora que percebemos é uma melhora no sentido da separação. É uma dificuldade, ao trabalhar com criança e com adolescente, você não tem como não trabalhar com a mãe – ao mesmo tempo, não podemos dizer nada para ela. Temos de fazer uma escolha, atender a criança ou atender a mãe. Se a mãe é uma enlouquecida e criou o problema na criança, você não tem como agir na mãe, você vai agir na criança, vamos supor que a criança trabalha e que ela poderá fazer alguma coisa. Que outros cuidem da mãe, isso é muito comum. Muito comum chegar uma criança e dizerem que quem precisa de tratamento é a mãe, e muitas vezes é verdade mesmo. A mãe manda o menino para a análise só porque o menino é sério e estudioso, isso é insuportável para ela. A tal fantasia inconsciente dela aparece, e ela não agüenta mais aquele menino. Ela é casada com o homem mais obsessivo da face da terra, mas como ele é pintor tudo dá certo. Aí vem o filho deles e quer ser engenheiro – tão obsessivo quanto o pai, mas a mãe que não percebe. Ela adora o pai e não suporta esse menino porque ele é muito certinho. Ela vê problemas nele, logo, ele precisa se psicanalisar, então ela o manda para você. Isso é freqüente, se ela mudasse um pouquinho, estaria tudo resolvido nessa casa.

Às vezes as coisas vão num limite, por exemplo, o pai morreu, não está mais lá. Ela começa a brigar com o filho e o filho se esquenta, apesar de não dizer nada; justamente porque ele não diz nada, às vezes acaba havendo violência física entre os dois, isso acontece muito. Você vê que é preciso que alguma coisa entre ali, então você troca três palavras com a mãe e talvez dê certo, ou você vai cuidar do menino? É preciso ver quem é o sintoma, quem chega como sintoma. Mesmo que você perceba que seria ótimo tratar a mãe, só vamos poder trata-la a partir do sintoma. Às vezes dá a impressão de que não é o filho que precisa, mas a mãe; quem vai atender o caso pode perceber isso e dizer que o garoto é normal, que ele está ótimo. Porém, se ele está aceitando, se ele está funcionando como sintoma, ele pede tratamento. Não é um diagnóstico externo, o nosso diagnóstico é de quem demanda.

O filho chega e diz: “Não tenho nada com isso, é minha mãe quem está enchendo o saco”, mas ele veio. Se ela exerce poder sobre ele a ponto dele se prestar a esse papel de dizer que não precisa de análise, já é o bastante pra tentar alguma coisa. É melhor do que ligar pra ela e dizer: “Esse menino não tem nada, venha você”. Ela não irá mesmo. Essa é uma outra questão importante, porque ele está alienando a mãe a qualquer acesso possível à sua própria verdade. Nela não aparece a falta, a interrogação sobre o desejo dela, ele está no lugar de quem possibilita isso - ele é o problema, e não ela. O sintoma somático, nesses parágrafos agora, dá uma série de variantes clínicas da dificuldade entre mãe e filho. Antes, era ele alienando, saturando, agora é pior ainda.

## Algumas dificuldades

O sintoma somático oferece o máximo de garantia a esse desconhecimento; é o recurso inesgotável, conforme o caso, a atestar a culpa, a servir de fetiche ou encarnar uma recusa primordial

A criança fica saturando - no lugar de objeto da mãe, objeto 'a' da mãe - a possibilidade da mãe se interrogar sobre o seu desejo; se tem uma maneira com que isso se faz de forma quase que intransponível, é quando a criança tem um sintoma somático, nesse caso a coisa fica difícil. É isso o que ele está dizendo, o sintoma somático da criança oferece o máximo de garantia a esse desconhecimento da mãe, e ele dá três possibilidades: atestar a culpa, servir de fetiche ou encarnar uma recusa primordial.

Freud fala em sentimento de culpa inconsciente. O sentimento de culpa é a mola de uma análise. Não é culpa em um sentido católico, de errado ou certo. É culpa no sentido de ter algo errado comigo. Uma mãe que tem um filho doente, não tem sentimento de culpa, é isso que Lacan está dizendo, ela está muito ocupada em tratar da criança, em fazer muita coisa. Pode ser que a criança vire um fetiche, sua doença se torna um fetiche, e é o único assunto de que se fala, só se pensa nisso. Também é difícil tratar uma espécie de recusa primordial da mãe, ela se recusa a idéia de que haja qualquer outra coisa a não ser o tratamento imediato dessa criança.

Talvez Lacan esteja marcando quase que o limite da possibilidade da intervenção de um analista. Uma criança com uma disfunção genética tratada como doença, como um sintoma somático, como uma forma de adoecer, fecha o inconsciente para o interesse; se ela tivesse sua doença genética entendida como um modo de ser, ficaria muito mais fácil - mas nos nossos tempos, tudo é um modo de adoecer, nada mais é um modo de ser. Por exemplo, se a criança não fica sentada na cadeira, é porque ela é hiperativa; fica mais difícil tratar essa criança porque o inconsciente se fecha ali, a criança tende a ficar nesse lugar de objeto 'a' da mãe, fixo. Uma mãe que tem uma criança que não sabe bem o que tem, é muito melhor. Mas o que se pode fazer? Tentar.

O mundo de hoje é mais refratário ao inconsciente, sabemos disso. As mães de hoje são menos capazes de se separar do bebê, no sentido de que se ele tem uma doença, ela precisa tratá-lo. Sempre vai ter um site na Internet que ela precisa procurar, que vai saber melhor o que fazer, vai ter um último médico, um último especialista, e aí ela não se encontra com o fato de que até pode ter o melhor médico, o melhor especialista, mas ela continua com o 'pepino' em mãos. É nisso que precisamos intervir, às vezes, imediatamente. Sinalizar que há uma criança ali, e que é responsabilidade dela, ela vai ter de se segurar com isso; essas coisas precisam ser trazidas por nós. Não adianta ter trezentos médicos na fila, não adianta garantir o melhor tratamento que um homem poderia dar, a mãe continua sendo chamada a funcionar como mãe, e isso não quer dizer ser aquela que dá o melhor tratamento. Mãe é aquela que dá um interesse, um desejo personalizado. É isso o que podemos fazer com as mães hoje, é isso o que eu tinha pensado.

Q: “Esse último parágrafo: “o sintoma somático oferece o máximo de garantia a esse desconhecimento; é um recurso inesgotável”, o que é o recurso inesgotável?”

Essa foi a idéia que eu quis passar ao falar da Internet. Se o que o meu filho tem é um problema que ninguém sabe o que é, se o meu filho tem uma doença, e a ciência sabe, sempre vai haver um cientista que sabe mais. É inesgotável a capacidade da ciência em produzir novas respostas para aquilo, e da mãe se entreter com isso. Isso nos dificulta muito, pois a criança continua no lugar de objeto.

Quero chamar a atenção para o seguinte: atestar a culpa é o oposto do sentimento de culpa. Ao atestar a culpa, não é mais no sentido de que tem algo de errado comigo. Seria eu saber qual é o meu problema; uma culpa atestada é isso, não? Você é julgado e condenado, por exemplo. Sua culpa está atestada, você paga o seu crime e pronto, está absolvido. Agora, uma culpa que eu não sei bem qual é, essa não tem absolvição, e é essa que leva a um trabalho subjetivo. Culpa concreta, é isso e/ou aquilo, não há trabalho a ser feito.

Uma criança doente é uma culpa atestada, é nesse sentido que Lacan está dizendo. Eu sei que não parece, em uma primeira leitura não é tão fácil, mas pensem em uma criança doente, por exemplo, uma criança que tenha Síndrome de Down. A mãe sempre vai sentir que há alguma coisa nos genes dela, vai achar que ficou grávida muito tarde. Uma criança que tenha síndrome de down, se essa for a única questão, seria uma culpa atestada, não é uma culpa que leva à análise.

Hoje estamos em um mundo meio psicanalítico, a pessoa chega e fala: “Estou vindo aqui porque estou me sentindo muito culpada, eu tive um filho com Síndrome de Down”. Isso não é uma culpa - indicação de Lacan que é muito preciosa. Sabemos muito bem que uma mãe pode falar isso e ficar dez anos sem que nada aconteça, isso seria uma culpa irreparável, uma culpa atestada. A culpa irreparável não é uma culpa que possibilite trabalho para reparar. Dizendo de outra maneira, para que uma análise comece, é preciso que a culpa se desloque, não seja uma culpa evidente; é preciso que ela se desloque para uma culpa que não se sabe bem do que é, isso faz começar o trabalho de uma análise e se faz quase que naturalmente. Lacan está dizendo apenas que temos de visar um deslocamento nessa culpa, e não achar que ela é o indício de que a haverá análise.

Por exemplo, alguém que não quis viajar, o Batman. O Batman era um menino muito rico, seus pais eram os donos da cidade de Gotham City. Ele era também um menino mimado, que um dia forçou a barra com os pais – que estavam cansados – para ir ao teatro. Quando estavam voltando, um ladrão os assalta e mata seus pais na frente dele. O garoto fica culpado, gravemente culpado. Isso é o que chamaríamos de uma culpa atestada. Essa culpa não leva à análise, leva a um analista. A pessoa vai para o analista porque quer resolver aquela culpa que a angustia demais. Se o analista ou a análise não conseguir um mínimo de deslocamento, ele vai rodar aquela culpa trinta anos, e o próprio sofrimento de estar chorando, e vivendo de novo aquela situação, alimenta o gozo do sintoma. É assim que Lacan diria. Dessa forma, muitas vezes uma criança doente serve para mãe que vai ficar rodando naquela doença da filha, e isso é um problema para uma análise. Então o Batman é inanalizável. O Batman seria alguém difícil de analisar, ainda mais depois de ter virado o homem-morcego.

Isso talvez dê uma pontuação, valeria a pena trabalharmos isso. Se Lacan botou três, são três caminhos clínicos. Mas talvez eles sejam parecidos.

Q: “É o que Lacan está chamando de fetiche. Seria fetiche ou encarnar uma recusa primordial? Eu colocaria isso quase como sinônimos, mas não são.”

São duas leituras, e você tem de fazer as duas. Primeiro, isso nos ensina o que é uma criança com o seu sintoma somático saturar a fantasia da mãe e impossibilitar o trabalho. Os três tipos são parecidos, mas o próximo passo seria distinguir os três, pensar qual seria a diferença entre: fetiche, atestar a culpa e recusa primordial. Será que isso, por exemplo, se superporia ao neurótico, perverso e psicótico? Atestar a culpa seria a criança saturando a mãe neurótica? Serviu de fetiche a criança saturando a fantasia da mãe perversa? Recusa primordial, a criança satura a fantasia da mãe psicótica? Lacan é rico em leituras.